

## Da minha biblioteca

# A Agência de Viagens Lemming, de José Carlos Fernandes

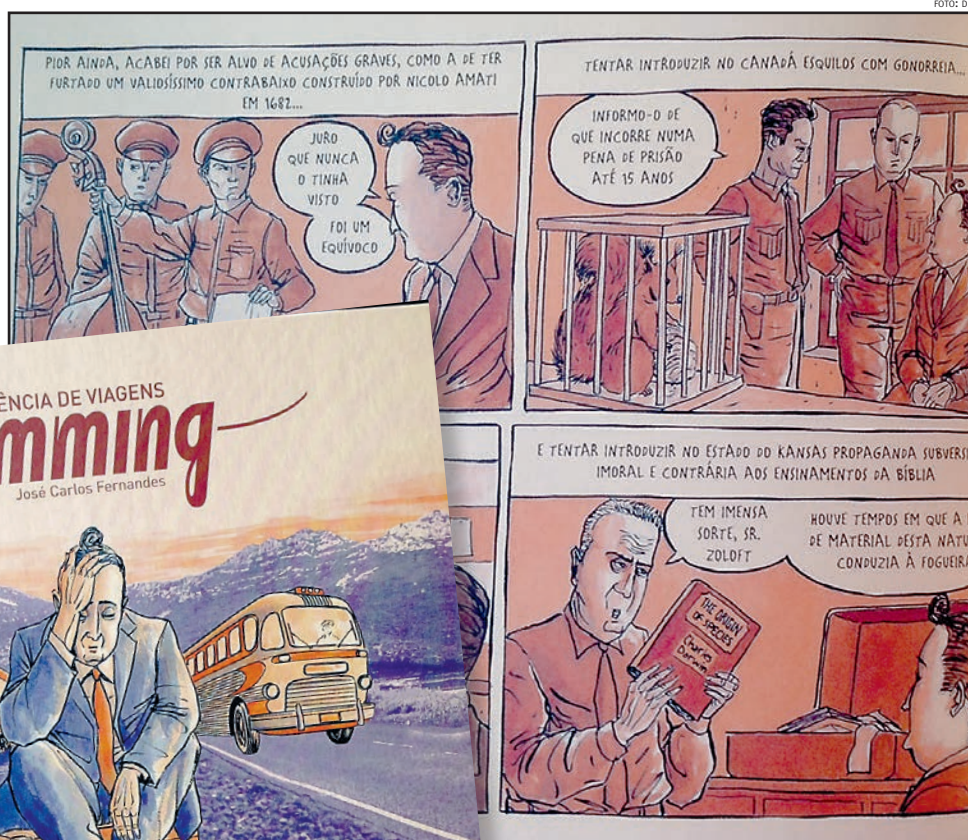


**Adriana Nogueira**

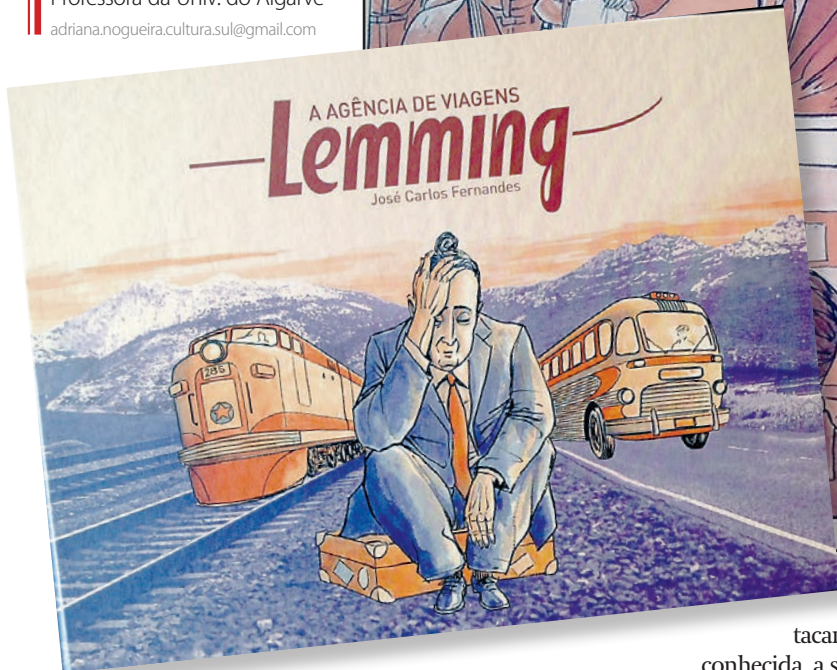
Classicista

Professora da Univ. do Algarve

adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com



Autor usa humor e ironia nas histórias



Em janeiro de 2011, escrevi nesta secção do *Cultura.Sul*, a propósito de um outro autor (Rogério Silva) e a questão do regional na literatura: «Tudo aconteceu há uns anos, quando procurava o último livro de José Carlos Fernandes (insigne autor de banda desenhada que, por acaso, é de Loulé, e de quem hei-de falar neste espaço). A situação foi a seguinte: tinha-me dirigido a uma livraria em Faro, daquelas que pertencem a uma cadeia de livrarias, e perguntei se tinham o referido livro (devia ser um dos volumes de *A Pior Banda do Mundo*). Como a funcionária não estivesse a localizar o autor, eu acrescentei 'ele até é daqui, de Loulé'. Foi então que ouvi a resposta mais espantosa: 'Ah, então não temos. Nós não temos escritores regionais'».

Cumpro, então, o prometido, e hoje escrevo sobre o grande José Carlos Fernandes (um autor internacional), que viu pu-

blicado, finalmente, o seu livro *A Agência de Viagens Lemming*. Digo «finalmente», porque a edição já existia em espanhol, mas não em português. Os que tiveram a sorte de acompanhar as tiras que foram saindo, em 2005, no *Diário de Notícias* podem agora lê-las reunidas num único volume, dividido em duas partes: «Dez mil horas de 'jet lag'» e «A síndrome da classe turística».

## José Carlos Fernandes (JCF) – biografias

A biografia de JCF encontra-se em vários sítios na Internet, que nos dizem que é Engenheiro do Ambiente, que foi assistente na Universidade Nova de Lisboa e que recebeu uma Bolsa de Criação Literária do Ministério da Cultura (quando as havia), a par de nomes como Mário de Carvalho, Luísa Costa Gomes, Maria Velho da Costa, José Luís Peixoto ou Adília Lopes). Todos des-

tacam a sua obra mais conhecida, a série de seis livros intitulada *A Pior Banda do Mundo* (edição da Devir), que recebeu vários prémios (logo desde o início, tendo os dois primeiros volumes, *O Quiosque da Utopia* e *O Museu Nacional do Acessório e do Irrelevante* sido considerados o «Melhor Álbum Português» pelo Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora – FIBDA – em 2002 e em 2003).

Mas o autor diverte-se a criar biografias delirantes, misturando a sua com a das personagens. Neste *A Agência de Viagens Lemming*, diz-nos que «nasceu em Loulé em 1964 [...] Tinha apenas 13 anos quando, aproveitando uma episódica ida com a família a Ayamonte, para comprar caramelos, se meteu a caminho por sua conta, arranjando trabalho numa traineira espanhola que se dedicava ao contrabando com o Norte de África. O apresamento da embarcação pelas autoridades marroquinas valer-lhe-ia alguns dias de prisão, mas não tardou a evadir-se, oculto num

carregamento de estrume de dromedário», fazendo lembrar, pela precocidade da fuga, *As Aventuras do Barão Wrangel* (Devir 2003): «terá nascido em 1934 num remoto povoado algarvio, no seio de uma família modesta. Embarcado aos 13 anos, primeiro num barco de pesca de atum, depois num bacalhoeiro, logo aproveita uma escala na Terra Nova para desertar».

## O feitiço de José Carlos Fernandes

Acompanho a obra de JCF há vários anos. Vi um dia, em casa de um amigo de um amigo (aquelas casas aonde, normalmente, não mais voltamos), um desenho seu emoldurado. O dono da casa esclareceu-me sobre o autor e o fascínio que por ele sentia e eu fiquei cheia de vontade de ler e ver mais trabalhos seus. Por sorte, não muito depois, pude visitar uma exposição de pranchas da sua autoria, em Loulé, e fiquei encantada. Mas só depois de conhecer o seu

trabalho mais profundamente é que percebi uma crítica lida, algures, num jornal espanhol, que dizia algo como que a escrita de JCF era ainda melhor do que os seus desenhos. Não se espantem, pois, os leitores pela abundância de adjetivos neste texto. Não sou só eu que pensa assim. O desafio que JCF faz à

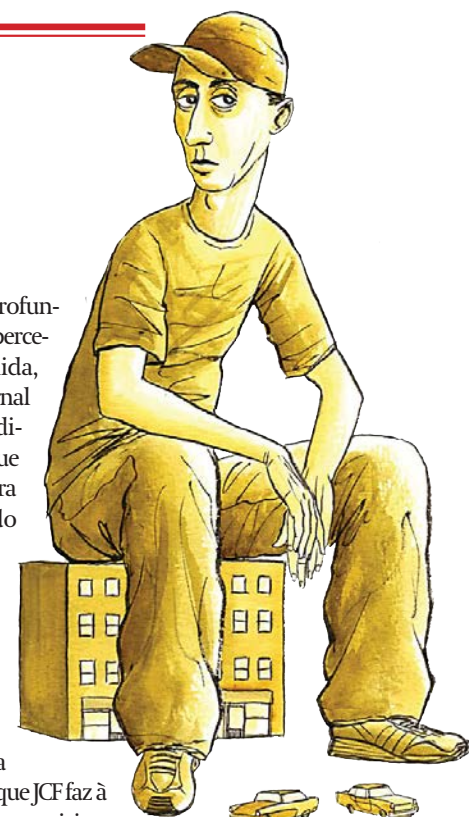
nossa cultura é quase viciante. No Centro Belga de Banda Desenhada, onde a sua obra esteve em exposição em 2009, dizia o site: «the Belgian Comic Strip Centre is delighted to welcome the superb José Carlos Fernandes into its gallery». O que vou dizer parece uma contradição, mas há, na simplicidade dos desenhos, quase monocórdicos, uma expressividade enorme moldada pelo texto escrito. A leitura de JCF é um desafio constante à nossa atenção.

## A Agência de Viagens Lemming

Apetecia-me escrever sobre tantos livros de JCF que tenho na minha biblioteca (como o lindíssimo *Coração de Arame*, Devir, 1997), mas talvez o faça numa próxima vez. Agora vou tentar restringir-me a este último, que foi um prazer para os sentidos e para a inteligência.

As pranchas são compostas por duas tiras, de duas (às vezes três) vinhetas. As histórias que o agente de viagem conta ao senhor Zoloft são todas em tons de laranja. As conversas que os dois têm na agência, têm o fundo deste mesmo tom, mas ambos estão desenhados e pintados em tons de azul metálico.

As histórias reúnem duas ou mais pranchas sob nomes que mais pranchas sob nomes que remetem para o assunto que nelas é tratado, com humor e ironia, que aliviam a crítica que é feita ao que nos rodeia e ao



Desenho do autor

que nem sempre damos conta (como «Hrabal e a reciclagem, de papel», onde se indica uma lista quase infindável de situações em que o papel é usado, p. 85; ou «As novas Pompeias», sobre cidades que se descaracterizam, «soterradas pela erupção do progresso», p. 109).

Neste livro, as referências culturais nem são das mais complicadas (foram pranchas desenhadas para sair no verão, onde se esperariam assuntos mais leves. Noutros volumes, o autor agradece a autores tão díspares como F. Nietzsche, T. Adorno, H. Melville, Heraclito ou F. Pessoa). O mais delirante aqui são as conexões que podemos fazer ao lermos os desenhos (que é para onde os nossos olhos primeiro se viram e têm sempre muito a que prestar atenção), o texto das legendas e o das vinhetas. Todos se completam, todos dão um sentido, mesmo quando, por vezes, são antitéticos. Sentimo-nos desafiados pelos nexos que conseguimos fazer entre aquele mundo com nomes estranhos (como Gibil, Citronovy, Sliz, Gallupi) e o nosso conhecido.

Uma grande vantagem destes livros de José Carlos Fernandes é que podemos voltar a lê-los e encontrar sempre uma coisa que antes nos tinha passado ao lado.

A eterna descoberta.

AGENDAR



“PINTURA DE CASSIANO LIMA”  
Até 29 FEV | Galeria Pintor Samora Barros - Albufeira

O autor é apaixonado por pintura há mais de 20 anos, contando no seu curriculum com várias exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro



“JE SUIS CORDES”  
6 FEV | 18.00 | Teatro das Figuras - Faro

Rui Sinel de Cordes traz ao Algarve o seu espectáculo ao estilo de stand-up comedy. Mais uma noite épica de rock'n'roll em forma de comédia